

CUIDAR, CONTROLAR, CURAR. ENSAIOS HISTÓRICOS SOBRE SAÚDE E DOENÇA NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. Gilberto Hochman e Diego Armus, organizadores. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. 567 pp.

ISBN: 85-7541-037-7

Gilberto Hochman e Diego Armus, ao organizarem uma coletânea de artigos escritos por autores de diversas nacionalidades, inserções acadêmicas e disciplinares, realizam uma importante tarefa, ou seja, permitem ao leitor viajar através das fronteiras, no território da saúde e da doença, dentro do mapa geográfico da América Latina e do Caribe.

Se o ponto nevrálgico da maioria dos artigos correlaciona-se às lutas, tanto das elites quanto dos demais, na produção de seu “eu”, nada mais apropriado do que tomar como trilhas a serem percorridas a multiplicidade de entendimentos sobre as enfermidades e os modos e maneiras de erradicá-las, pois estes não pertencem só ao relato do progresso das tecnobiociências, tão caros às discussões acadêmicas e científicas contemporâneas, mas integram a história dos saberes e práticas articuladas às estruturas sociais, às instituições culturalmente construídas, às representações que fazemos da realidade e à própria constituição de nossa memória e consciência históricas.

A *Introdução*, escrita a quatro mãos pelos organizadores, além de fazer um histórico da elaboração do livro e apresentar cada uma das temáticas contempladas nos artigos selecionados, descortina as bases conceituais da historiografia latino-americana atual relativa à saúde e à doença, mostrando o painel multidisciplinar que a compõe, no qual os aspectos sociais e culturais são os mais considerados.

O primeiro capítulo, de Ana Maria Carrillo, remete-se às lutas para a institucionalização da medicina no México, a passagem do “ofício” à “profissão”, ao longo de um período que vai de 1810 a 1910 e compreendendo quatro cortes cronológicos distintos. Ao longo da narrativa entramos em contato com o difícil processo de reconhecimento da profissão médica, na qual a formação das sociedades médicas desempenharam o papel fundamental de arquitetar uma elite em separado. Carrillo mostra competência narrativa em apontar ao leitor o que está além da espuma dos acontecimentos, no caso, a estruturação de uma profissão que corresponde a uma outra: aquela de uma sociedade hierarquizada sob a égide de um Estado Moderno.

O artigo de Jaime Benchimol simboliza bem as pesquisas que têm sido levadas a cabo pela Casa de Memória Oswaldo Cruz. Aí se encontram as discussões pertinentes ao tropicalismo baiano em busca das singularidades brasileiras e as ligações da nossa medicina com a França, instituindo e institucionalizando a microbiologia. São muito interessantes as pequenas biografias que o autor traça para nos situar melhor dentro das fronteiras das opiniões e tensões envolvendo o debate acerca dos micróbios, dos agentes transmissores das doenças infecto contagiosas, dos miasmas...

Em seguida, Carlos Ernesto Nogueira, através da história do combate ao alcoolismo, visto como doença cujos sinais e sintomas pertencem ao corpo social, nos introduz por intermédio da chicha (aguardente proveniente da fermentação do milho) no mundo dis-

cursivo do higienismo colombiano. Por intermédio dele presenciamos este líquido amarelado, tão ao gosto da população, ser combatido e seu consumo condenado em prol de outro líquido também amarelo – a cerveja, transformada em símbolo da modernidade.

Benigno Trigo monta sua narrativa em cima da dicotomia o “Eu” e “Outro”, no caso construída por um grupo de letrados para se constituir como autoridade governamental porto-riquenha. O “Eu” seria o nacional, o coerente, em oposição ao “Outro”, o jíbaro, o camponês anêmico, porém visto como inocente na sua ignorância, que seria excluído, mas sobre quem recairia a retórica da higiene. A essa dicotomia, digamos se acrescentaria uma outra, com a incorporação do aparato discursivo metropolitano, no qual o “Outro” é o negro, metaforizado como parasita que a todos pretende sugar o sangue. O “jíbaro” e o “vampiro” são, portanto, figuras populares apropriadas pelos letrados. A análise de Trigo é instigante e, de certa forma, remete-se aos estudos culturais e sobre ciências que começaram a proliferar na década de 80.

Por intermédio de Beatriz Teixeira Weber, retornamos ao Brasil, mas precisamente ao sul do país, para lermos a narrativa sobre o exercício da cura situado fora da cidadela do conhecimento médico legitimado. O artigo de Weber poderia ser considerado um exemplo típico do que se convencionou intitular “história vista de baixo”, onde a cultura herbária nativa, o misticismo, a religiosidade e o sentido das práticas populares para seus adeptos conduzem a análise, sem que nenhum viés de paternalismo se imiscua.

Steven Palmer, ao estudar a Fundação Rockefeller na Costa Rica nos anos entre 1914 e 1921, faz-nos pensar como as características individuais, em que pese o repúdio mais geral da historiografia nesse tipo de relevo, têm importância na formatação de determinados desenhos institucionais. É praticamente impossível pensar-se como seria a modelagem da rede da campanha de combate à ancilostomíase, subvencionada pela Fundação Rockefeller, sem a presença de Louis Schapiro, fato notado ainda mais claro quando o autor, nos moldes bem proveitosos de uma história comparada, transpassa a fronteira costa-riquenha e apresenta um panorama do mesmo tipo de campanha considerando brevemente os casos da Nicarágua, Guatemala, Panamá e El Salvador.

O sétimo artigo é de Luiz Antonio de Castro Santos e assenta-se no tripé “poder, ideologias e saúde” no Brasil, (re)captando o que pode ser denominado de “sanitarização pelo alto”, dirigindo sua análise para Pernambuco, Bahia e São Paulo, tendo por alvo o serviço de saúde nos portos. A abrangência da análise de Castro Santos corresponde a uma verdadeira história social da Primeira República. Política regional, economia, saúde e doença, as ideologias regionais... tudo é tecido numa rede, na qual as intenções dos formuladores dos programas de saneamento são os nós górdios para se compreender o caráter de todas as campanhas e programas propostos para a saúde da população brasileira de então.

Logo após, o leitor encontra o artigo de Marcos Cueto que resgata a utilização da biografia na história, apresentando-nos a Manuel Núñez Butrón e por meio de sua ação pautando o combate ao tifo e à varíola em Pruno, no Peru, traçando com tintas fortes o indigenismo como ideologia básica ao trabalho desenvolvido por seu personagem título. Entretanto, Butrón e sua

brigada são colocados no contexto social da época em questão, fornecendo ao leitor meios de compreensão da sociedade peruana no início do século XX.

O trabalho de Nancy Leys Stepan sobre a eugenia no Brasil é absolutamente imperdível. A acuidade, o cuidado com o tratamento das fontes, as correlações estabelecidas fazem desse texto, situado bem no meio do livro, um exemplo de análise histórica que deveria ser difundida em todos os nossos meios acadêmicos voltados ao campo da saúde pública e coletiva e, também, incorporada às leituras de nossos geneticistas clínicos e básicos. A impressionante atualidade do tema, diante dos avanços propiciados pelas tecnologias de DNA recombinante e do conseqüente deslançar do Projeto Genoma Humano, com todas as suas repercussões na formatação dos meios investigativos do que já se convencionou chamar a “nova genética” é fundamental. A precisão diagnóstica das características da eugenia brasileira e sua diferenciação da eugenia anglo-saxônica recortam um passado que muito tem a contribuir para o entendimento do presente, inclusive fornecendo meios de reflexão sobre os posicionamentos atuais relativos a questões como as dos testes genéticos preditivos, tecnologias reprodutivas e interrupção da gravidez.

O décimo artigo, de Diego Armus, narra as tensões e conflitos desencadeados nos meios biomédicos, entre os enfermos e na imprensa ao redor de uma vacina contra a tuberculose, manufaturada pelo pesquisador Jesús Pueyo. Abandonando uma história oficial da medicina, centrada nos médicos e seus feitos, a narrativa de Armus coloca no proscênio os pacientes e suas reivindicações, tomando como viés condutor a identificação dos tísicos com a figura de Pueyo, que publicamente atacava os “os burocratas médicos” e simbolizava o sentimento nacionalista popular vigente na República Argentina.

Sérgio Carrara assina o artigo seguinte, centrando o foco de sua análise na tríade sífilis, sexualidade e nacionalidade, chamando nossa atenção para as estratégias anticoloniais postas em cena no Brasil do entre guerras. A escolha da ilustração que abre o texto, um trem escuro em disparada e descarrilado, abaixo do título *Controle do Instinto Sexual*, retirada do *Boletim de Educação Sexual*, publicado em fevereiro de 1938, diz muito sobre o que Carrara irá analisar. Conjugando história cultural e uma perspectiva antropológica refinada, o autor não só nos dá conta do cerne das campanhas pró-formação de uma identidade nacional brasileira, como recorta o papel que a sífilis, como metáfora da metrópole, desempenhou na engenharia da regeneração dos mestiços, conseguindo reforçar a idéia de excesso sexual do brasileiro, porém deslocando suas causas para bases mais flexíveis como a falta de educação ou certos costumes arraigados. O apuro teórico e conceitual marcam esse texto, tornando-o referência obrigatória para os estudos que pretendam enfocar a produção social da idéia sobre a essência do caráter brasileiro ao longo de nossa história.

Ann Zulawski leva-nos para a Bolívia dos anos de 1935 a 1950, analisando as concepções que dão sustentação ao funcionamento do Manicômio Pacheco. A autora relata alguns casos, com base em pesquisas de prontuários, salientando sobretudo os “gratuitos” em oposição aos “pensionados”, mostrando a alta mortalidade reinante. Trabalha as diferenças de clas-

se também entre os doentes internados e os funcionários, sublinhando como a raça e a cor seguiam os ditames da posição social, assim como a questão do gênero se fazia presente, sendo as mulheres os principais alvos/objetos dos estudos e das ações dos profissionais que lidavam com aqueles que haviam “perdido a cabeça”. Seu estudo enfatiza bem que as mudanças de consciência são processos bastante complexos e refletem as diversidades das transformações sociais em curso num determinado tempo histórico.

O penúltimo texto é escrito por Nísia Trindade & Gilberto Hochman. Sob o título *Pouca Saúde e Muita Saúde*, lembrando Mário de Andrade, os autores partem para expor a tese de que os textos higienistas, das três primeiras décadas do século XX, ultrapassam os limites sobre a saúde, nos informando sobre representações sociais acerca das enfermidades brasileiras cuja vinculação com a(s) identidade(s) nacional(is) são patentes. Jamais apartando-se da análise das interpretações sobre o Brasil que circulam socialmente, o tema sempre tangente da construção da nação é discutido por meio dos principais elementos dicotômicos que, de uma certa maneira, ainda colore o pensamento de alguns de nossos acadêmicos, tais como: litoral/sertão; moderno/atrasado; rural/urbano... Começando com uma visão cinza do país, passamos pela expedição Arthur Neiva e Belisário Penna, pela descrição de Miguel Pereira do Brasil como um grande hospital, pelos tropicalistas baianos, por Oswaldo Cruz, por Monteiro Lobato e a emblemática figura do Jeca Tatu, pelo movimento modernista e um dos símbolos de brasilidade que construiu: Macunaima, até chegarmos às ciências sociais na figura de estudiosos da realidade brasileira como Emilio Willems, Florestan Fernandes e Antônio Cândido. Ao fim da jornada nos deparamos com o fato de que os muitos “brasis” ainda não foram decifrados, mas que algumas idéias sobre eles foram discutidas e iluminadas por esse exercício realizado por Nísia Lima e Gilberto Hochman.

Por fim, a narrativa de Paul Framer nos coloca diante da AIDS e da mudança de significados que sofreu de 1983 a 1990, no âmbito de uma pequena aldeia rural haitiana. No início, a AIDS não era discutida em Do Kay pela simples razão de que era tida como uma doença da cidade, estando os habitantes da localidade longe de tê-la experimentado. Mas com a morte de dois membros da coletividade, a AIDS se configura, para todos, numa nova doença explicada pela feitiçaria e por causas naturais. O autor, embora freqüentando Do Kay durante toda a pesquisa, jamais cai no perigo da auto-identificação e realiza uma etnografia aberta aos sentidos que seus observados davam à pandemia.

Um livro a mais dentro da *Coleção História e Saúde*, editada pela Editora Fiocruz, a coletânea de artigos organizados por Hochman & Armus, além de cumprir com os objetivos expostos na *Introdução*, se configura numa obra a ser lida e guardada por todos aqueles que pensam sobre as questões relativas à saúde e à doença. E mais ainda: é uma contribuição de peso não só para academia brasileira, mas para todos aqueles que sentem prazer no que Lawrence Stone chama de uma “nova velha história”, ou seja, aquela que faz ressurgir, com vigor, a narrativa.

Maria Helena Cabral de Almeida Cardoso
Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz,
Rio de Janeiro, Brasil.